

REGRAS DE PRODUTIVIDADE DOS HIPOCORÍSTICOS

José Lemos Monteiro

1. INTRODUÇÃO

Entre os assuntos pouco estudados pelas nossas gramáticas encontram-se inexplicavelmente os relacionados aos nomes hipocorísticos. Trata-se na realidade de um campo propício à investigação, capaz de elucidar diversos aspectos referentes à formação das palavras ou organização do léxico e aos problemas de aquisição da linguagem, além de fornecer elementos valiosos para uma análise dos componentes afetivos do signo lingüístico.

Em pesquisa ora realizada com vistas à elaboração de um dicionário de hipocorísticos, a cada instante delinaram-se dúvidas e reflexões de toda ordem, exigindo até mesmo a restrição do conceito de hipocorístico aos nomes produzidos exclusivamente a partir das alterações morfofonêmicas de um dado prenome ou sobrenome.

Percebeu-se por outro lado, à medida que os dados estavam sendo analisados, uma coerência notável nessas alterações e, como resultado, a possibilidade de uma sistematização dos processos de formação com base em tratamento estatístico que evidenciasse os índices de participação de cada um deles. Determinou-se, então, uma amostra aleatória de tamanho exageradamente grande (9.000 hipocorísticos), tendo sido identificados cinco processos de formação, já descritos em relatório publicado pela *Revista da Academia Cearense da Língua Portuguesa* (nº 4, 1983).

Com as conclusões firmadas, foi possível desvendar outras fontes de reflexão e por isso esboçam-se aqui neste trabalho algumas regras de produtividade dos hipocorísticos, já

que realmente eles se organizam num sistema aberto mas facilmente previsível. Por outras palavras, eles não se formam de modo arbitrário e assistemático, porém ao contrário obedecem a um número limitado de regras que, esclarecidas, podem interpretá-los ou servir para a expansão de seu próprio universo.

Não se ousa afirmar que as regras apresentadas a seguir esgotam as possibilidades de produção. Ao invés disso, elas apenas abrem perspectivas para o estabelecimento de outras regras ou novas formulações, pois sem dúvida é possível utilizar diversos enfoques na descrição do mesmo fato. Por outro lado, uma vez que os critérios de uso não foram ainda bem definidos, nem sempre será lícito indicar com segurança a existência ou livre curso de uma determinada variação ou descobrir imediatamente a que prenome ela se refere, sobretudo em face dos constantes casos de homonímia e das dificuldades de se detectar a influência da analogia.

Este trabalho limita-se, pois, a lançar algumas reflexões sobre um assunto, embora marginalizado, extremamente fascinante e fértil. Sua validade reside talvez menos nas interpretações oferecidas do que na iniciativa de discutir com dados trabalhados indutivamente um problema que merece, entre outros, ser despertado e estudado pela gramática.

2. REGRAS DE PRODUTIVIDADE

Conforme já se assinalou, cinco são os processos de formação dos nomes hipocorísticos, citados e definidos abaixo:

- a) *Braquissemia* — Termo cunhado por Carnoy (Borba, 1971, p. 39) para designar o processo de encurtamento das palavras conhecido como *abreviação vocabular* (Cunha, 1972, p. 130) mediante o qual a forma abreviada assume o sentido da forma plena. Ex.: Augusto — Guto, Bartolomeu — Bartô, Catarina — Carina, Ubirajara — Bira.
- b) *Duplicação* — Repetição de qualquer sílaba para a produção de um vocábulo, processo também denominado *redobra-*

mento (Macambira, 1970, p. 136), redobro (Câmara Jr., 1968, p. 306), reduplicação ou duplicação silábica (Bechara, 1963, p. 277) ou ainda tautossilabismo. Ex.: Eulália — Lalá, Arlete — Lelé, Leda — Lelé, Alice — Lili, Carlota — Loló, Lúcia — Lulu.

c) *Acrossemia* — Combinação de sílabas ou fonemas extraídos dos elementos de um nome composto. Trata-se em essência de um tipo de braquisssemia, resultante da articulação de duas ou mais braquisssemias. Ex.: Francisco José — Franzé, Maria Vitória — Mavi, Paulo Henrique — Pauíque.

d) *Sufixação* — Aplicação de um morfema derivacional após o radical. Geralmente, os sufixos que produzem hipocorísticos são diminutivos em razão da própria afetividade que traduzem. Ex.: Ana — Anica, Estela — Estelita, Carla — Carlucha.

e) *Reforço* — Acréscimo de novo sufixo a um hipocorístico formado por braquisssemia, por duplicação ou mesmo por sufixação. Ex.: Catarina — Catinha, Lúcia — Luluzinha, Vera — Veroquinha.

Pelas análises e cálculos feitos com os dados da amostra, pôde-se avaliar o nível de participação de cada processo mediante intervalos de confiança para as percentagens populacionais a nível de 0.01 de erro, conforme se verifica na tabela abaixo. Tais resultados valem também como estimativa para a aplicabilidade de cada regra formulada, embora seja necessário investigar ainda em diversos pontos, principalmente no que concerne às constantes alterações morfofonêmicas.

Processos de formação	Número de hipocorísticos	%	Intervalos de confiança
Braquissemia	4320	48.0	$47.0\% \leq P \leq 49.0\%$
Duplicação	1863	20.7	$19.7\% \leq P \leq 21.7\%$
Acrossemia	81	0.9	$0.7\% \leq P \leq 1.1\%$
Sufixação	803	8.9	$8.3\% \leq P \leq 9.7\%$
Reforço	1933	21.5	$20.5\% \leq P \leq 22.5\%$
T o t a l	9000	100	— — —

Percebe-se que a braquissemia constitui a modalidade mais fértil de produção dos hipocorísticos, ocorrendo em 48% do total da amostra, o que evidencia um intervalo de confiança calculado em $47\% \leq P \leq 49\%$ para a percentagem do universo. Por essa razão, é coerente admitir que na linguagem familiar os antropônimos são em geral usados de forma abreviada, transmitindo esse recurso uma capacidade conotativa idêntica à dos sufixos diminutivos. Com efeito, se os diminutivos se revestem de valores afetivos pelo tom de delicadeza e carinho que expressam, a redução do corpo fonológico do vocábulo, correlacionando-se à noção de pequenez, parece contaminar-se dos mesmos valores, o que sem dúvida poderia ser um argumento jakobsoniano contrário à teoria da arbitrariedade do signo defendida por Saussure (1970, p. 79 ss).

A braquissemia funciona pelo menos de três maneiras distintas, de acordo com as seguintes formulações:

a) Dado um prenome, produz-se um hipocorístico pela eliminação dos elementos silábicos anteriores à sílaba tônica. Exemplos:

Alberto — Berto
 Anacleto — Cleto
 Germana — Mana
 Fernando — Nando
 Natália — Tália

b) Dado um prenome, obtém-se um hipocorístico pela supressão dos elementos silábicos finais. Tratando-se de um polissílabo, geralmente se eliminam as duas últimas sílabas, devendo-se contudo investigar em que proporção ocorre o fenômeno. Exemplos:

Benedito — Bené
Eduardo — Edu
Clodoaldo — Clodô
Liduína — Lidu
Madalena — Madá

c) Dado um prenome polissílabo, pode-se reduzi-lo a um dissílabo mediante a supressão cumulativa de elementos silábicos iniciais e finais. Exemplos:

Apolinário — Poli
Epitácio — Pita
Albertina — Berta

Há outras possibilidades de produção de hipocorísticos braquissêmicos, porém de baixa freqüência, como é o caso da supressão de sílabas mediais. Eis alguns exemplos:

Marilena — Malena
Marcela — Marla
Mônica — Monca
Quirino — Quino
Galileu — Galeu

A dificuldade maior quanto à braquissêmia reside em pre-dizer com certa precisão que alternâncias vocálicas e/ou consonantais ocorrerão. Entretanto, quaisquer alternâncias são perfeitamente explicáveis pelas chamadas leis fonéticas, sendo talvez a assimilação o metaplasmo mais freqüente. Exemplos:

Estelita — Tita
Jacinta — Tinta
Vicente — Tente
Murilo — Lilo
Nazareno — Neno
Francisca — Quica

As constantes interferências da analogia são responsáveis por formações curiosas, como *Viola*, de *Iolanda*, com prótese do fonema /v/ por óbvio efeito associativo. Assim, em inúmeros casos, o relacionamento paradigmático com homônimos possibilita a captação de efeitos conotativos inesperados, elastecendo-se com isso a órbita semântica dos hipocorísticos. Vejam-se os seguintes casos:

Filomena — Filó
Altina — Alta
Natalício — Natal
Vicente — Vice
Melissa — Mel
Valeriano — Valei
Florinda — Flor
Olavo — Olá
Simeão — Símio
Josefina — Fina

No mesmo sentido, observa-se que incontáveis hipocorísticos braquissêmicos homonimizam com outros prenomes existentes na língua ou mesmo se transformam com facilidade em novos prenomes. Exemplos:

Oswaldo — Valdo
Abelardo — Abel
Marcelina — Celina
Cordélio — Délio
Eugênio — Ênio
Américo — Érico
Agildo — Gildo
Higino — Gino
Amália — Lia
Danilo — Nilo
Betânia — Tânia
Alberto — Álber
Aristeu — Ari
Gilberto — Gil
Otoniel — Oto

Aliás, sem risco de erro, pode-se formular a regra segundo a qual um prenome composto com elementos ligados graficamente terá como hipocorísticos braquissêmicos cada um de seus componentes. Exemplos:

Aurineide — Auri e Neide
Roseneide — Rose e Neide
Rosângela — Rosa e Ângela
Elisângela — Elisa e Ângela
Luciana — Lúcia e Ana
Doralice — Dora e Alice

Em se tratando de prenomes compostos não unidos graficamente, o normal e esperável é a ocorrência da acrossemia, responsável por formações bastante expressivas. O baixo percentual verificado para a atualização do processo deve ser explicado não por ser este de baixa produtividade mas por haver poucos prenomes compostos em relação à quantidade inumerável dos simples. Em outras palavras, a acrossemia é proporcionalmente tão fértil quanto a braquisssemia, já que na realidade ambos os processos têm a mesma natureza e funcionamento. Eis alguns exemplos ilustrativos:

Carlos Alberto — Cabeto
Carlos Eduardo — Cadu
Carlos Augusto — Caú
Lúcia Helena — Ciena
João Carlos — Joca
Lúcia Helena — Lulena
Maria Isabel — Mabel
Maria do Carmo — Macá
Fernando Sérgio — Fessé
Francisco José — Franzé
Paulo Afonso — Paufon

Passando agora para o processo da duplicação, observa-se que a repetição da tônica ocorre invariavelmente em qualquer prenome. Os percentuais indicam que a tônica se repete em cerca de 52% do processo, a pretônica em 31% e a postônica, sem dúvida por ser a mais fraca de todas, em apenas 17%.

Além dos hipocorísticos gerados a partir da repetição pura e simples de uma sílaba, já é possível predizer outras formações de acordo com algumas regras, entre as quais a mais precisa até o momento pode ser enunciada do seguinte modo: Todo prenome de mais de duas sílabas dá origem a um hipocorístico mediante a repetição da tônica acompanhada da(s) sílaba(s) postônica(s). Exemplos:

Aurelice — Lilice
Salette — Lelete
Armando — Mamando
Helena — Lelena
Orlando — Lanlando
Camila — Mimila
Leopoldo — Popoldo
Valdevino — Vivino

Embora raramente, o fenômeno ocorre também com a reduplicação da pretônica (Policarpo — Lilipo) ou mesmo da postônica (Úrsula — Sussula).

Quanto aos metaplasmos a que o processo de duplicação está sujeito, são comuns principalmente os casos de assimilação. Exemplos:

Anália — Lalá
Antônio — Tutu
Nadja — Dadá
Eleonora — Lola
Aldenor — Dodô
Aurélio — Lelé
Bartolomeu — Leleu
Frederico — Lilico

A supressão de fonemas é quase sempre de consoante, no caso das sílabas de padrão CCV, CVC ou CCVC. Exemplos:

Glória — Gogó
Alberto — Bebé
Augusto — Gugu
Cristina — Cricri

Nos ditongos, as semivogais não aparecem repetidas.
Exemplos:

Amadeu — Dedeu
Aristeu — Teteu
Clodoveu — Veveu

Tal como no processo braquissêmico, a duplicação produz inúmeros hipocorísticos associados fonologicamente a outros vocábulos, aumentando assim sua capacidade conotativa. Eis alguns casos curiosos:

Gabriel — Gagá
Ximenes — Xixi
Socorro — Cocô
Agapito — Pipi
Artur — Tutu
Serafim — Finfim
Afonso — Fonfon
Ivo — Vovó
Simão — Mamão

As conotações que preenchem o campo semântico dos hipocorísticos constituem assim um farto material para análise e reflexão. Entretanto, elas não se atualizam apenas através de relacionamentos paradigmáticos com outros vocábulos, mas decorrem da própria natureza de cada processo de formação.

Nesse sentido, cumpre examinar alguns aspectos do emprego de sufixos com valores afetivos, talvez o processo que mais traduz carinho, intimidade e delicadeza. Na pesquisa realizada, verificou-se que o uso de diminutivos não chega a atingir 9% dos casos, o que realmente parece surpreender. Entretanto, observando-se por outro lado que eles aparecem em maior escala (21.5%) no processo do reforço, associados à duplicação, à braquissêmia ou à própria sufixação, constata-se que a participação dos sufixos ultrapassa o índice de 30%.

É necessário um esclarecimento. Todo prenome pode receber um sufixo diminutivo, mas também está sujeito à braquissêmia e à duplicação. A variação dos percentuais diz

respeito evidentemente à atualização de cada processo, uma vez que, embora cada um seja virtualmente aplicável à totalidade dos nomes, a distribuição ocorre de acordo com certos critérios, ainda em fase de estudo. Um dos critérios parece levar em conta a freqüência dos prenomes. Se se trata de prenomes muito conhecidos e de largo emprego, tais como José, Maria, Antônio ou Francisco, todos os processos se atualizam em múltiplas modalidades, produzindo-se em cada situação várias dezenas de hipocorísticos, o que não acontece com os prenomes de baixa freqüência.

Entre os sufixos, o mais usual é /-inh(o, a)/, que apresenta como alomorfes /-zinh(o, a)/, /-in(o, a)/ e /-im/. Ex.: Pedrinho, Joãozinho, Faustino, Pedim. Nota-se que os hipocorísticos formados com /-in(o, a)/ se transformam em novos prenomes e, por isso, às vezes os conteúdos afetivos do sufixo são bastante atenuados como em Marino, Firmino, Claudino e Marcelino.

Com os demais sufixos produtores de hipocorísticos organizam-se curiosamente verdadeiras escalas de variação na base da permuta das vogais, tendo sido identificados os seguintes grupos alomórficos:

- I — /-ac(o,a)/ — Polaco
 /-ec(o,a)/ — Maneco
 /-ic(o,a)/ — Anica
 /-oc(o,a)/ — Veroça
 /-uc(o,a)/ — Sivuca

- II — /-at(o,a)/ — Beata
 /-et(o,a)/ — Marieta
 /-it(o,a)/ — Anita
 /-ot(o,a)/ — Maroto
 /-ut(o,a)/ — Chicuta

- III — /-el(o,a)/ — Mundela
 /-il(o,a)/ — Gigila
 /-ol(o,a)/ — Mariola
 /-ul(o,a)/ — Lulula

Há vários subalomorfes, entre os quais:

- /-zic(o,a)/ — Arturzico
 /-zit(o,a)/ — Joãozito

/-ete/	— Marinete
/-zete/	— Marizete
/-ote/	— Jangote
/-ute/	— Chicute

As variações mais curiosas são /-oroc(o, a)/ e /-orote/, encontradas por exemplo em *Cidoroca* e *Chicorote*, casos que merecem estudos elucidativos. Também é necessário investigar a respeito de /-ano/, muitíssimo usado indistintamente em prenomes e hipocorísticos. Há duas hipóteses: ou se trata de sufixo ou resulta da formação do masculino a partir de um prenome composto com *Ana*. Assim, *Luciano*, entre centenas de casos iguais, ou deriva de *Lúcio* com adjunção do sufixo /-ano/ ou é tirado do feminino *Luciana*, composto de *Lúcio* e *Ana*.

Há ainda algumas particularidades na sufixação.

A primeira consiste na formação de nomes que possuem conotações depreciativas ou que se associam semanticamente a outros vocábulos por motivações de ordem fonológica. Ex.: *Fininha* (*Dafne*), *Felina* (*Ofélia*), *Mosquito* (*Moacir*), *Fucinho* (*Confúcio*).

A segunda se refere aos prenomes terminados em /s/, que facultativamente terão esse fonema deslocado para depois do sufixo. Ex.: *Domingos* (*Dominginhos*), *Carlos* (*Carlinhos*, *carlitos*), *Marcos* (*Marquinhos*). Às vezes, porém, o /s/ apenas pode ser explicado por algum efeito analógico ou expressivo, como em *Marocas* e *Maricas*.

A terceira particularidade diz respeito à ocorrência das formas femininas dos sufixos aplicadas a nomes masculinos. Exemplos: *Moaca* (*Moacir*), *Pereca* (*Péricles*), *Quinca* (*Joaquim*), *Pedroca* (*Pedro*) e *Juca* (*João*). Talvez o fenômeno resulte da própria natureza afetiva dos hipocorísticos, no sentido de realçar a delicadeza ou graciosidade das crianças, o mimo ou o desvelo dos que as educam. Não obstante, de modo inverso, prenomes referentes ao sexo feminino produzem hipocorísticos marcados no masculino, como *Socorrinho* e *Carminho*. Aqui talvez a interpretação mais viável deva ser análoga à do deslocamento do /s/ visto no parágrafo anterior. Verifica-se que formas como *Socorrinho* e *Carminho* alternam com *Socorrita* e *Carminha*, estas bem mais apropriadas em termos lógicos. Há, porém, casos raros em que prenomes marcados com a desinência do feminino geram hipocorísticos na forma do masculino (ex.: *Andréia* — *Deião*).

Finalmente, são incontáveis as combinações de sufixos no processo do reforço, entre as quais devem ser citadas:

ico + inho — Mariquinha
ico + ito — Aniquita
ico + oto — Maricota
eco + inho — Manequinho
eto + inho — Jaquetinha
ito + inho — Adelitinha
oto + inho — Carlotinha
oco + inho — Veroquinha

Assinale-se ainda que o reforço através da sufixação se estende à quase totalidade dos hipocorísticos braquissêmicos, possibilitando múltiplas conotações ou elevando o grau de afetividade. Exemplos:

Patrícia — Patinha
Abigail — Biguinha
Catarina — Catinha
Fátima — Fazinha
Filomena — Filoca
Afonso — Fonzinho

Antes de concluir, é oportuno refletir sobre uma indagação que aparentemente entra em conflito com algumas modernas teorias lingüísticas. Entende-se que no léxico, entre diversas possibilidades de atualização, apenas uma delas se firma, bloqueando as demais. Assim, para a formação de nomes abstratos a partir de verbos, há vários sufixos à disposição, entre os quais /-ção/ e /-mento/. Mas, uma vez escolhido o sufixo, dá-se o bloqueio no sentido de não coexistirem duas ou mais formas com o mesmo significado. Exemplificando: De *jurar* derivou-se *juramento* e de *declarar*, *declaração*; *declaramento* e *juração* sofreram o bloqueio necessário para o próprio funcionamento da língua enquanto código comunicativo.

Ora, no caso dos hipocorísticos, percebe-se, conforme a amplitude de emprego dos prenomes, a atualização de múltiplas formas originadas segundo as regras de cada processo, sem que haja de fato a previsão do bloqueio. Todavia, trata-se apenas de um choque aparente com a teoria de Aronoff (apud Basílio, 1980). Na realidade, o que ocorre pa-

rece ser um intuito de individualização, havendo geralmente para cada pessoa a escolha de um hipocorístico com a exclusão das demais possibilidades de formação, o que constitui de fato o bloqueio. Por isso, se algum *José* é conhecido como *Zequinha*, os outros nomes afetivos tirados do prenome não podem ser usados indistintamente. É preciso levar em conta alguns fatores que interferem nessa tendência de individualização, como a existência de várias pessoas de nome igual no mesmo contexto físico-social. É aí que se opera uma maior diversidade de hipocorísticos ou de apelidos. Inversamente, quanto menor o número de pessoas com o mesmo nome num dado contexto menor será a frequência de variações.

Parece útil retomar o exemplo acima mencionado. Se num ambiente restrito houver um *Zequinha* e posteriormente aparecer outro indivíduo com esse mesmo hipocorístico, logo se encontrará um meio de distinguir os dois. E, à proporção que aumentar o número de *Josés*, também se produzirão dezenas e dezenas de variações. Basta dizer que prenomes assim tão divulgados chegam a ultrapassar a casa de cem apelidos afetivos, tendo cada um o seu próprio significado, uma vez que todos se caracterizam por um intuito de individualização. Por enquanto, salvo melhor interpretação, nessa ordem de idéias é que deve ser compreendida a ausência do bloqueio.

3. CONCLUSÃO

Diante do que se conseguiu coletar até o momento, praticamente tudo está por ser discutido. O universo dos hipocorísticos é tão amplo e ignorado que dificilmente se pode ter uma idéia aproximada do que é necessário fazer em termos metodológico-descritivos. Por ora, os dados coletados serviram para um estudo dos processos de formação e de sua regras de produtividade, devendo-se contudo enfatizar que as deduções ou interpretações apresentadas têm caráter provisório.

Ressalte-se que os hipocorísticos analisados pertencem ao falar cearense, mais especificamente circunscrito à cidade de Fortaleza. Não se fez ainda nenhuma pesquisa relacionada a possíveis variáveis como classe social, sexo ou idade. Não obstante, pequenas amostras colhidas em diversas regiões brasileiras indiciam que não só as conclusões sobre os

processos de formação e regras de produtividade são válidas mas também os hipocorísticos de livre curso em outras capitais são conhecidos em Fortaleza. Assim sendo, é viável admitir a inexistência de regionalismos ou hipocorísticos empregados apenas em determinada região, hipótese que evidentemente precisa ser fundamentada.

Como se salientou, este trabalho deve ser seguido de novas reflexões. Há inúmeros aspectos que por sua própria natureza constituem desafio em virtude de entraves metodológicos. Cite-se, por exemplo, a análise das conotações sugeridas pelos diferentes processos, apenas esboçada em observações esparsas. Para tanto, seria obrigatório estabelecer correlações com elementos culturais ou extra-lingüísticos, com implicações várias no âmbito da sociologia e da psicologia da linguagem. Todavia, mesmo no campo restrito da descrição gramatical, qualquer pesquisa sobre os hipocorísticos contribui de algum modo para a própria percepção da língua como sistema. Isso parece suficiente para que o assunto não permaneça tão marginalizado como até agora tem estado.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASILIO, Margarida. **Estruturas lexicais do português**. Petrópolis, Vozes, 1980.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. São Paulo, Editora Nacional, 1963.
- BORBA, Francisco da Silva. **Pequeno vocabulário da lingüística moderna**. São Paulo, Editora Nacional e EDUSP, 1971.
- CÂMARA Jr., J. Mattoso. **Dicionário de filologia e gramática**. 3. ed. Rio de Janeiro, J. Ozon, 1968.
- . **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis, Vozes, 1970.
- CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, MEC-INL, 1972.
- FREITAS, Horácio Rolim de. **Princípios de morfologia**. Rio de Janeiro, Presença, 1979.
- JAKOBSON, Roman. **Lingüística e comunicação**. São Paulo, Cultrix, 1969.
- MACAMBIRA, José Rebouças. **A estrutura morfo-sintática do português**. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1970.
- MONTEIRO, José Lemos. **Formação das palavras**. Fortaleza, Mipel, 1972.
- . "Processos de formação dos hipocorísticos". **Revista da Academia Cearense da Língua Portuguesa**, Fortaleza, (4) 1983.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo, Cultrix, 1970.